



Redacção e administração  
R. de S. Martinho  
Aveiro

# POVO DE AVEIRO



Officina de impressão  
R. de S. Martinho, AVEIRO  
EDITOR, João Pinto Evangelista

SEMANARIO REPUBLICANO

Numero 43

**Assignaturas**  
AVEIRO—Um anno, 1200 réis. Semestre, 600. Fóra de Aveiro, um anno 1300. Semestre 650 réis. Brazil e Africa, anno 23500. Semestre, 12500 réis (fortes).  
**PAGAMENTO ADIANTADO**

**PUBLICA-SE AOS DOMINGOS**

**Publicações**  
No corpo do jornal, cada linha, 40 réis. Anuncios, cada linha, 30 réis. Permanentes, mediante contrato.  
Os arts. assignados têm desconto de 30 por cento.  
**NUMERO AVULSO, 30 REIS**

1.º Anno

## BRAVO!

Reproduzimos hoje, n'este local, a moção apresentada no parlamento pelo nosso illustre amigo e talentoso lente da Universidade de Coimbra e deputado republicano sr. Affonso Costa.

Bravo!

Até que enfim entrou na camara um deputado republicano, que não tem medo de falar em republica.

Até que enfim temos lá um homem, que não pertence á escola Elias Garcia nem á seita Gomes da Silva.

Ainda bem.

Felicitemos Affonso Costa e congratulamo-nos com elle.

Eis a moção:

«A camara dos deputados da nação portugueza, considerando que o projecto de lei da reforma constitucional, em discussão é sómente destinado a alterar alguns artigos do codigo politico da monarchia e não a substituir as instituições politicas fundamentais; considerando que a reforma proposta, ainda quando fosse a mais liberal e progressiva, não poderia interessar a nação, desde que ficavam sempre subsistindo as referidas instituições; considerando ainda que as reformas até hoje feitas na Carta e seus actos addicionaes não tem contribuido para a defeza das liberdades publicas e dos direitos individuaes dos cidadãos, nem tem melhorado a organização e funcionamento dos poderes do estado, exactamente porque tem sido sempre mantido o chamado poder real, que, pela sua acção e influencia, inutilisa todos os bons esforços e iniciativas por mais honestas e intelligentes que sejam; considerando mais que o paiz recebe com soberana indiferença a proposta do governo convertida no actual projecto de lei, assim como consentiu sómente *pro forma* em dar aos deputados poderes constituintes; e considerando especialmente que o povo portuguez carece de substituir sem demora as actuaes instituições politicas por outras diversas, de feição republicana, graças ás quaes o governo da nação pertence á propria nação e não a uma familia, casta, grupo ou classe privilegiada, sem adherentes, resolve pôr de parte a discussão do dito projecto de lei.»

Entende que as modificações na Carta Constitucional vão levando o paiz para o absolutismo, e que semelhante documento tem esmagado o povo e os seus direitos. Ao cabo de 70 annos de constitucionalismo, não temos liberdade de imprensa, nem de reunião, nem de pensamento. E' um constitucionalismo hypocrita!

Muito bem!

O que se seguiu na camara, todos o conhecem já. No entanto não resistimos á tentação de o repetir aqui.

O sr. presidente diz que deixou o sr. Costa ir falando para demonstrar que, ao contrario do que s. ex.ª affirmou, o systema que nos rege é tão liberal que consente palavrismos tão rudes contra o constitucionalismo, e tolera uma moção com as expressões que s. ex.ª empregou. Feita esta de claracão, não permite que s. ex.ª prosiga nos mesmos termos.

O orador considera-se dentro da ordem; e prosegue nas suas considerações, notando que assim como o sr. relator diz no projecto que o principio da hereditariedade dos pares do reino é reaccionario, tambem deve ser considerada reaccionaria a hereditariedade do rei.

(Vivos e prolongados protestos dos alpins.)

O sr. Arthur Montenegro, relator, intima o orador a que dê a sua palavra de homem de bem e de lente sobre se está convencido de que das expressões do relatorio resalte essa conclusão.

O orador diz que é elle quem tira a conclusão, no pleno uso do seu direito.

O sr. presidente, que por vezes tem agitado a campainha, chama o orador á questão.

O orador responde que não saiu d'ella e que provará ter o direito de dissentir a constituição e o rei.

(Grande sussurro.)

O sr. presidente, agitando a campainha, exclama que não pôde reconhecer tal direito, e que chamará o orador tres vezes á ordem. Não sendo obedecido, applicar-lhe-ha o regimento. (Energicos apoiados, correspondidos pela esquerda.)

O orador, no meio do sussurro, continúa falando na mesma ordem de idéas.

O sr. presidente, sem ser obedecido, chama por tres vezes á ordem o orador.

E como s. ex.ª prosiga, retira-lhe a palavra.

(Os apoiados augmentam. Grande sussurro.)

O sr. Affonso Costa, saindo da sala, acompanhado pelo sr. Paulo Falcão: **A ULTIMA PARTIDA QUEM A JOGA SOMOS NÓS!**

O sr. presidente declara que vae ser lida na mesa a moção do sr. Affonso Costa.

Vozes da direita: Não é preciso!  
Vozes da esquerda: Nós estamos inteirados!

E' posta á votação a admissão da moção do sr. Affonso Costa, sendo rejeitada por unanimidade.

Esta attitude energica do despedido deputado republicano despertou as mais vivas sympathias da nação. Vão com elle as consciencias puras de todos quantos vivem ávidos de moralidade e de justiça. Affonso Costa é n'este momento um homem consagrado.

N'estes ultimos tempos de absolutismo constitucional, não ha memoria de sessão tão agitada. O procedimento do talentoso deputado traz-nos a recordação das primeiras scenas da revolução franceza, e faz-nos vêr em relance a figura austera de Mirabeau proferindo esta phrase notavel que em si contem todas as aspirações liberaes: **Ide dizer ao vosso amo que nós estamos aqui pela vontade do povo, e só d'aqui sairemos pela força das bayonetas!**

No entanto é bem verdade que a ultima partida quem a joga somos nós!

### Canal de S. Roque

Prosequem os trabalhos n'este canal, estando já aberto em grande extensão.

## Contra a liberdade de consciencia

No gabinete dos reporters recebeu-se o seguinte telegramma:

«Amarante, 14, às 6 e 35, t.—Levo ao conhecimento de vv. ex.ªs o seguinte:

Eu, ministro protestante, vim á freguezia de Fregim, Amarante, visitar um protestante doentissimo. Soube que os jesuitas, depois de violento, mais d'uma vez, com ameaças de pancadas e de o deixarem morrer de fome roubaram-lhe a biblia de sua crenga e sequestraram-o, não me deixando falar-lhe. Appellei para o regedor, que nada fez; dirigi-me ao administrador, que mandou um official de diligencias com um officio ao regedor, mas este ausentára-se.

Aquelle protestante é muito estimada aqui. Todas as pessoas sensatas estão indignadas. A correspondencia vinda do Porto era queimada. Continuo trabalhando para libertar o meu pobre correligionario da infernal inquisição.—Alfredo Silva.»

Vae sem commentarios. O publico que os faça.

## EXAMES

Começam no proximo dia 5 os exames de sahida do curso geral.

No lyceu de Aveiro é presidente o dr. Souto Rodrigues.

A rapaziada já anda em colicas.

Pois meus amiguinhos isto é tal qual a historia da formiga e da cigarra: cantaste? Pois dansa agora.

Mas entre mortos e feridos alguns não de escapar.

A tosa não será tão grande como a dos inglezes no Transvaal.

## Nomeação

Foi nomeado professor de ensino primario para a escola da freguezia de Nossa Senhora da Gloria, o nosso amigo sr. padre Bruno Telles dos Santos.

E' motivo para dar os parabens á freguezia, porque decreto melhor encontraria ministro a instrucção ás creanças.

## A ISCA

Na Figueira um sujeito qualquer que trazia um pequeno bocado da tal, á que o guarda fiscal deita a mão logo que a vê, puxou por ella, mas viu ao longe um dos *taes* que já se dirigia para elle, e o que é que pensam que fez? Enguliu-a, e ali fica o guarda com a cara que tinha sem poder deitar-lhe a unha e ganhar aquelles cobres a que tinha direito pela apprehensão.

O guarda parece que ainda quiz tomar testemunhas, mas não houve ninguem que visse...

Este é que comen a isca... Resta averiguar se fez no anzol.

## A REFORMA DA CARTA

A proposito do incidente levantado pelo talentoso deputado pelo Porto, sr. dr. Affonso Costa, na sessão de 19 do corrente, na camara dos deputados, escreve uma folha de Lisboa o seguinte:

Ha annos que não ha sessão tão agitada como a de hontem na camara dos deputados.

O incidente foi levantado pelo deputado republicano sr. dr. Affonso Costa.

Deve confessar-se que s. ex.ª foi, de todos os deputados que tomaram parte na discussão do malfadado projecto, o unico orador coerente; e, como a coherencia, mesmo em politica, é uma grande força, pôde jactar-se de lhe dever o ter sahido excellentemente do difficil passo, porque não lhe faltarão sympathias e applausos.

E isso procede principalmente do erro dos seus adversarios politicos.

Pois que! Reforma-se a Carta umas vezes por combinaçao amigavel entre dois grupos politicos, como em 1885; outras em dictadura, para atender a interesses de politica partidaria, como em 1895, e agora por mero capricho, sempre com absoluto desprezo da opinião publica, e estranhando os partidos monarchicos, que deviam ser os guardas ciosos e dedicados da arca santa do constitucionalismo portuguez, que os seus naturaes adversarios aggridam e combatam essa mesma constituição que esses partidos a cada momento esfarrapam e que tem quasi sempre tratado com tão pouca consideração e respeito?

Seria ou demasiada ingenuidade, ou confiança, esticada até ao maximo, na imbecillidade do publico.

De modo que podem applicar ao deputado republicano todas as penalidades do regimento e quaesquer outras, que por ventura descubram; o certo é que elle tirou da situação que esses partidos *crearam* todas as vantagens que poderia desejar; e isso veio provar uma vez mais que a politica dos partidos de governo, entre nós, é uma deficituosa e inhabil politica, cujas vistas não vão além do estreito limite das conveniências de momento; e as reformas successivas da Carta, sem intuitos elevados e nobres, com completa ausencia do interesse da nação, veem a ser novos elementos de desmoralisação e de abastardamento do systema que, aliás, esses partidos dizem servir e defender.

A verdade, a grande e inilludivel verdade, é que é de dia para dia mais profundo e evidente o divorcio entre a opinião publica, que devia ser a base da nossa vida administrativa, e a opinião dos partidos constitucionaes, fluctuante e acanhada, caprichosa e nefasta. E os ataques ás leis pelos proprios que as querem impôr ao respeito do paiz tem o merecimento ou a fatalidade—á escolha—de cavar mais fundo esse abysmo.

## Hospital de Aveiro

Foi approvado o projecto do novo hospital. Não o vimos, mas consta-nos que está nas condições hygienicas requeridas, pelo que felicitamos o seu auctor, o sr. Silva Rocha, habil professor de desenho na nossa Escola Industrial.

Partiu na quarta-feira para Luzo, o sr. Pedro Ferreira.

## Cartas d'Algures

22 DE JUNHO.

Estas cartas d'Algures não tem nunca assumpto obrigatorio. São o registo de todos os actos, processos, symptomas, escandalos, illegalidades, crimes, costumes, que chegam ao meu conhecimento, e de que eu possa tirar partido para a minha critica moralisadora da sociedade portugueza, que foi esta a missão que me impuz e que eu hei de cumprir até ao fim, prestando n'isso um serviço de incontestavel merito. Sendo o *Povo de Aveiro* um periodico semanal, portanto de pequeno formato, de pequena tiragem, de pouca expansão, a sua acção moralisadora e civilisadora ha de se exercer, primeiro do que tudo, na localidade a que pertence e nas que lhe ficam visinhas. E' o que tem feito sempre. Portanto, é aqui muito cabida uma carta curiosa que nos dirige um amigo de perto d'Aveiro, e que vamos publicar, reservando-nos para fazer sobre ella considerações de varias ordens, que não de causticar e doer.

Eis a carta:

«Meu amigo.

O seu silencio sobre factos que se passam por estes sitios, e que o não de interessar, está sendo aqui mal interpretado. Ora eu estou convencido, porque lhe conheço bem o feitio e o caracter, de que o seu silencio provem exclusivamente da sua ignorancia sobre o que se passa.

V. saberá os factos em conjuncto. Mas ignora-lhes as minuciosidades e estas é que são tudo. Pois ouça.

F. liquidou o seu negocio com um passivo bastante superior ao activo.

Causas de varias ordens concorrem para estas liquidações, ou d'ellas resultem quebras ou accordos commerciaes. E essas causas ou são de cathogoria criminosa, ou não são. Se são de cathogoria criminosa, todo o estygio é pouco para ellas. Se não são de cathogoria criminosa, a gente pôde lamentar os factos e os desastres que d'elles resultam, como lamenta um homem que escorra na rua e cabe quebrando uma perna por ter posto o salto da bota em cima d'uma casca de lanjota, mas sem ávante sem manifestações de pasmo e sem interjeições hypocritas.

Não é assim? E', nas sociedades justas e fortes. Mas n'esta sociedade local, desde Aveiro até aqui d'onde lhe escrevo, tudo é anormal porque tudo está dissoluto.

F. estava associado a J. F. é um dos homens mais trabalhadores que tem apparecido por aqui. Trabalhava sempre, e sempre. Era d'uma actividade e d'uma dedicacão ao trabalho sem par. Não tinha um unico vicio. Nem mandrião, nem jogador, nem bebedor, nem amigo de luxos, de pandegas e de passeios. J., ao contrario, tem todos os vicios. Todos! Pois porque este, que era o socio capitalista, perdeu alguns contos de réis, tola esta turbamulta pelintra e infame se ergue voz em grita contra o socio gerente erguendo nos seus escúdos o socio capitalista.

Pois não brada aos céos esta injustiça, esta infâmia?

E está v. calado, e tem v. em descanso essa penna, que ainda pôde mais, sósinha, a favor da justiça, que todos os berreiros d'esta turba ignobil!

F. sacrificou o seu trabalho incançavel, a sua actividade incessante, as suas commodidades, os seus gozos, e vai agora sacrificar o resto, incluindo, talvez, a propria vida. Elle sacrificou tudo. Entretanto, o outro passava a vida n'um pandemônio de vícios, de deboches, de loucuras de toda a ordem. O outro folgava, o outro divertia-se, o outro prejudicava a humanidade por todas as formas, o outro não era só inutil, o outro era daninho. Um matou o seu futuro, o seu amor natal, despedaçou o coração e lá foi, na idade em que todos ambicionam a tranquillidade, em que todos fogem para o ninho paterno em busca de socego e de descanso. O outro ficou, rico ainda bastante para poder continuar a sua vida de dissoluções.

Comtudo, a canalha, canalha de todas as ordens, desde a de pé descalço, que é a mais inoffensiva e a que tem mais desculpa, até a de gravata, que é a mais venenosa e injurta, arremessa pedras e lama ao primeiro e passeia o segundo, como victima, em triumpho.

Asquerosa sociedade! Repelente humanidade!

Diz-se que F. abusou da boa fé de J. occultando-lhe por tanto tempo o estado dos negocios.

Sejam justos.

Em primeiro lugar, a paixão do negociante é a paixão do jogador. O jogador, depois de perder dez, perde vinte, perde trinta, perde cem, na ancía esperanças de reacquirir os primeiros dez. O negociante é a mesma coisa.

Em segundo lugar, o que houve da parte de J. não foi boa fé, foi mandrice, foi o vicio parasitario de viver sem trabalhar, de usufruir sem produzir. Este vicio horrendo que por ser invocado pelos ricos madraços como uma virtude não deixa de ser um verdadeiro crime.

Porque não fiscalison esse homem o emprego dos seus dinheiros? Porque não indagou do estado dos seus negocios?

Não o fazendo, que tem elle que invocar contra o supposto abuso de confiança do outro, sendo certo que se este foi mau administrador, que se não teve jeito ou capacidade para dirigir os seus negocios, não distrahiu, comtudo, dez reis para as suas extravagancias, porque não tinha nenhuma.

Mas, accrescenta-se, deixava luxar a familia e consentia que ella visse um pouco burguezmente.

Olha os miseraveis, a censurar aquillo que é unicamente e precisamente o fructo do meio que elles constituíram ou crearam!

Tem-se fartado esse Povo de Aveiro, em que v. escreve, de fulminar as extravagancias, os desmandos, os erros administrativos,

a falta de senso d'esta sociedade pelintra. Nunca ninguém o attendeu a v., antes se revoltam contra si por essas duras verdades. E atrevem-se agora, os miseraveis, a increpar o pobre homem que em lugar d'ir com v. n'essas opiniões, de as acatar e de as tomar na devida conta, se riu d'ellas e as desprezou como os outros. Os grandes miseraveis!

As Cartas d'Algueres, escriptas por v., estão cheias de criticas asperas ao viver insensato d'esta gente. Criticas muito claras, algumas, muito transparentes, podendo-se quasi dizer quaes as cabeças em que cabiam as carapuças que v. ia talhando.

Ainda n'umad'ellas, datada de 12 de outubro passado, dizia v.:

«Eu tenho visto, n'essa terra, a economia domestica e publica tão malbaratada, que nem sei como não se produziu ainda ali uma derrocada enorme. Não se produziu ainda? Ella, no fim de contas, existe, e não já latente, mas tambem patente. As finanças do municipio são uma vergonha. As finanças dos particulares são, no geral, outra vergonha. Aparentam-se familias e familias esbajadoras, cheias de dividas, luctando com difficuldades e embaraços de toda a ordem, não por infelicidades da vida, que seriam então respeitaveis na sua desgraça, mas por actos de mau governo, de dissipação escandalosa, de amor ao vicio e ao luxo.»

E o que faziam elles, em resposta? E o que fazem? Enchem-se d'odio contra v., por v. lhes pôr o dedo nas chagas, e não lhe poupam, como premio, diffamações nem injurias, com o que v. não se importa, como todos, aliás, sabem. Mas é a verdade e como tal a digo.

Que auctoridade teem estes miseraveis para falar, se, no fim de contas, elles é que teem a culpa e a responsabilidade de tudo?

Sabe v. quem é agora o maior mentor e incitador de J. contra F.? E' um tratante, aqui muito conhecido por estes tres factos: 1.º porque sendo empregado publico mettia as mãos nas gavetas das secretarias dos outros empregados, para os roubar; 2.º porque, sendo empregado publico, perdeu o emprego por roubos e falsificações commettidas no exercicio das suas funcções; 3.º pela falsificação d'um celebre testamento de que resultou apropriar-se d'uma fortuna que o testador queria que fosse patar a outras mãos.

Tal é o Catão!

Emfim, esta vai longa e nós temos tempo. Se v. me dê licença tornarei ainda a escrever-lhe sobre o assumpto, que se presta a considerações d'alta moralidade e justiça. E como vai longa vou terminar resumindo:

1.º F. poderia ter tido a fraqueza deploravel de transigir com as manias fidalgas do meio pelintra em que vivia. Foi uma fraqueza, filha do meio, commum a todos, o que muito attenna as responsabilidades de F. Foi uma fraqueza, não foi um crime. E essa mesma muito menor do que

outras do mesmo genero que se praticam por ali.

2.º F. poderia ter feito mal e fez em não parar mais cedo na sua lucta commercial. Mas isto explica-se pela ancía de vir a adquirir o perdido e não foi um crime visto que a desproporção entre o activo e o passivo nem chegou ao maximo admittido na lei.

3.º F. poderia não ter tido grande capacidade ou jeito para dirigir os seus negocios, o que succede a muita gente. Mas tambem ali não ha attentado algum á moral e á honra.

4.º F. não teve por si, directamente, nenhuma presumpção pedantesca, antes foi um homem simples, modesto, sem o menor vicio ou extravagancia, trabalhador incançavel, fazendo pela vida como poucos.

5.º Pagou os seus erros e as suas fraquezas com a desgraça.

Ao contrario, J. não tem nenhuma das virtudes de F. antes tem todos os vícios e defeitos; J. deve a F. os mais relevantes serviços porque este o salvou da Penitenciaria e, portanto, da perda ignominiosa por mais do que nma vez; J. não tem que se queixar de abusos de confiança porque só por viciosa mandrice deixou de fiscalisar a tempo os seus interesses; J. não perdeu mais do que F., porque se perdeu contos de réis em dinheiro, o outro perdeu-os em trabalho, em canceiras e saúde; J., que teria razão se esse dinheiro, que perdeu, fosse enriquecer o outro, não tem razão nenhuma desde que o outro ficou sem um real.

Logo, elle é torpe. Torpe dez vezes. Torpe porque desde que se associou com o outro devia saber que ficava sujeito aos riscos do negocio. Torpe pelo espirito ignobil de todos os ricos estupidos e maus, de considerar o metal sonante como unico valor. Torpe por não reconhecer que o outro perdeu tanto como elle, ficando sem camisa ao fim de largos annos de trabalho insano. Torpe porque propagando que perde umas dezenas de contos de réis, que é o total do passivo, esconde a toda a gente que o activo é superior a 50 p. c. do passivo. Torpe, porque o seu unico fim, associando-se, foi explorar o trabalho e arranjar um guarda costas que o protegesse, como tantas vezes protegeu, nas suas infâmias e nos seus crimes. Torpe por querer lançar sobre o outro a responsabilidade d'um abuso de confiança, quando o seu dever era fiscalisar as contas e o negocio e assim teria liquidado com menos perdas ou sem perdas nenhuma. Torpe porque sabe que o outro não tinha um unico vicio nem uma unica extravagancia onde illicitamente gastasse dinheiro. Torpe porque só agora vê que o outro tinha a fraqueza de fazer o mesmo que faz toda a bandalheira local, isto é, de deixar que a familia tivesse a mania de ser fidalga, com a circumstancia a seu favor, e que não milita a favor da bandalheira que

aplaude o torpe, d'essa familia, com excepção d'um unico dos seus membros, trabalhar e trabalhar de grande. Torpe. Dez vezes torpe. Mas mais torpe do que elle é a canalha suja que o aplaude.

Torpes. Só uma pessoa tem auctoridade para erguer a voz n'estas questões, ao contrario do que esta escoria de bandidos suppõe. Essa pessoa é o redactor do Povo de Aveiro. E' v. Só v. tem essa auctoridade, porque só v. vem de largos annos protestando contra as manias fidalgas d'esta corja. Só v. tem quebrado lanças pela moralidade e bom senso d'esta sociedade pelintra. E' v. que, sem excluir parentes nem amigos, antes mettendo-os a todos claramente no grupo dos insensatos e dos pedaços d'asnos, vem tentando pelo ridiculo deter esta mania louca, que todos teem de serem grandes e fidalgas, de fazerem as mulheres senhoras, de fazerem os filhos doutores, de trocarem a modestia pelo pedantismo fidalgo. Só v. tem tentado esse serviço, só v. tem auctoridade para falar no assumpto.

Então pegue na penna, meu amigo. Maneje-a mais uma vez como quem maneja um cajado. Varra esta feira de tratantes, que se fez em volta da desgraça d'um homem, que, tendo tido tambem um pouco d'essa fraqueza das fidalguias, não com elle, mas com a familia, foi, comtudo, um trabalhador incançavel, um luctador á outrance, com mais ou menos aptidões, o que não entra em linha de conta para as responsabilidades d'ordem moral. Fulmine o parasita que, querendo viver do trabalho alheio, leva a audacia até ao ponto de querer converter esse trabalho n'um estygma e de arvorar a sua mandrice n'um merito. Sacuda o miseravel, que tem a insultante pretensão de considerar um valor nullo o trabalho, os sacrificios, os baldões do seu socio, que tudo perdeu e tudo soffre, que pode ter commettido irregularidades, mas que, no fundo, ficou pobre como Job, sem um vicio, sem uma extravagancia, amarrado ao trabalho toda a sua vida, o que o absolve logo de qualquer irregularidade, fraqueza ou falta de tacto que haja tido, sacuda o miseravel que tem a arrogante pretensão de considerar tudo isso um valor nullo ao pé do seu dinheiro.

Associou-se com o outro? Correu os riscos da sociedade. Elle perdeu? Tambem o outro perdeu. Apropriou-se este do dinheiro da sociedade? Não. Então que houve? O resto sabia elle tudo. Fiscalisasse o seu negocio e não perderia tanto. Impozesse o seu direito e seria melhor para ambos. Se não o fez, haja quem tenha a coragem de mostrar a esse bandido que nenhuma auctoridade tem elle para censor e catão.

E' este, meu amigo, o favor que lhe peço.

E far-lh'o-hemos.

Deixe estar. Deixe estar que o Catão e os Catões que andam em volta d'elle hão de ficar bem escovados, que assim o exige a moralidade publica, já que elles tan-

to falam em moral e em justiça. Deixe estar.

A. B.

BAZAR

A «Associação dos Bateleiros Mercanteis e Pescadores da Ria d'Aveiro», promove para a proxima sexta-feira um bazar em beneficio do seu cofre.

Bem hajam.

Da Soberania do Povo recordamos o seguinte:

PHYLARMONICA AVEIRENSE

Domingo á noite, na volta de Barrô para Aveiro, veio aquella conceituada phylarmonica, de que é regente o distincto maestro sr. Pereira Vianna, cumprimentarnos em frente á casa da nossa redacção, gentileza esta que muito e muito nos melhorou e que jámais olvidaremos. Foram aqui levantados vivas á phylarmonica Aveirense, ao sr. Pereira Vianna, aos artistas de Agueda, etc., etc., sendo os dois primeiros calorosamente correspondidos. Muitas pessoas acompanharam depois a phylarmonica até fóra da villa no meio de uma extraordinaria ovação.

PELOS CAMPOS

O tempo tem corrido esplendido para a agricultura. Os milharaes estão esperançosos e promettem farta colheita. O trigo, comquanto não seja de grande abundancia, tambem apresenta boa expectativa. Os batataes é teem soffrido bastante com a molestia. As vinhas tambem teem sido bastante prejudicadas com a irregularidade da estação.

No geral, a colheita promete ser abundante.

Expediente

Prevenimos os nossos estimaveis assignantes de que já enviamos para as estações competentes os recibos do 2.º semestre do «Povo de Aveiro».

A todos pedimos que satisfaçam a sua assignatura logo que o correio lhes apresente o recibo, para nos evitarem novas despezas que se fazem com a cobrança.

\* \* \*

Nas localidades onde o correio não faz cobrança, os nossos assignantes podem enviar a importância da sua assignatura á administração d'este jornal, ou em vale do correio, ou carta registada, deduzindo a importância que gastarem na sua remessa.

elle, observando que o cavalleiro (cujo cerebro começava a esquentar-se com as repetidas libações) misturava ao seu vinho agua da bilha.

— Ora essa! disse o cavalleiro, pois não me dissestes que esta agua era da fonte de S. Dun-tan, vosso bemaventurado padroeiro?

— Sim, de certo, respondeu o ermita, e muitos centos de pagãos foram n'ella baptisados; mas nunca ouvi dizer que elle a bebesse. Cada coisa n'este mundo deve ser applicada ao seu uso proprio. S. Dun-tan conhecia tão bem como qualquer outro as prerogativas de um frade folgazão.

Dizendo isto, pegou na harpa e mimoseou o seu hospede com a seguinte ballada caracteristica, acompanhada de uma especie de estri-

(44)

FOLHETIM

IVANHOÉ

ROMANCE POR WALTER SCOTT

CAPITULO XVII

A sua execução teria, portanto, parecido muito razoavel a juizes mais competentes do que o ermita, tanto mais que o cavalleiro sabia imprimir ao canto ora sentimento ora enthusiasmo, com que dava força e energia aos versos da sua ballada, que era assim:

O REGRESSO DO CRUZADO

Tendo obrado prodigios de valor, Volta da Palestina o campeão;

Sobre o hombro traz a cruz da redempção, Que cem vezes defendeu com a sua espada; Como prova de seus feitos gloriosos O escudo mostra, de golpes retalhado. A' tardinha, como no tempo passado, Canta sob a gelesia da sua amada:

«Honra e gloria ás bellas! O teu cavalleiro Voltou dos paizes do sol e do ouro. Não traz riquezas; por unico thesouro Tem as suas armas e o seu bom corcel, As esporas para picar contra o inimigo, A lança e a espada para o derrotar. Taes são os trophéus de tanto batalhar, Além de um teu sorriso, Tekla fiel.

Gloria á formosura! O teu cavalleiro Sempre a tua memoria foi constante; Celebrou o teu nome em paiz distante, Entre as festas e nos campos de batalha. Menestreis e arautos poderão dizer: «Olhae, védes essa formosa donzella? «Para milhares d'infeis, por causa d'ella, «Os campos d'Askalon foram a mortalha.

«Preparae bem no seu sorriso! Foi elle «Que cincoenta esposas n'um só dia «Fez viuvias, quando a feiticiaria

«E a força vã de Mafoma não salvaram «Da morte o proprio sultão da Iécnia. «As suas tranças louras e ondeadas «E o seu collo, mais alvo que o das fadas, «Quantos pagãos no inferno despenharam!»

Honra á belleza! O meu nome desconhecido Pertence-te e dos meus feitos a gloria, Os quaes só pelo teu amor viverão na historia. Abre-me, pois, a porta, ó minha adorada! As horas vão passando e a noite está fresca; E, tismado pelo sol da Syria ardente, Gela-me o frio do norte. Ah! consente Que a constancia seja emfim galardoad!»

Emquanto o cavalleiro cantava, o ermita tinha o ar de um critico abalisado que assiste a uma nova opera. Inclinado para traz no seu escabello, com os olhos meio fechados, ora de mãos cruzadas e movendo os pollegares um em volta do outro parecia profundamente absorvido, ora com as mãos estendidas agitava os braços marcando o compasso. N'um ou dois pontos

## Festejos ao S. João

Em Aveiro tambem se festeja o S. João ruidosamente.

Hontem no campo do Rocio tocou a phylharmonica «Aveirensis» até 1 hora da manhã, havendo illuminação, fogo, fogueiras e danças populares, que se prolongaram até de manhã, n'um banxé infernal. Uma reinação.

Para o S. João da Barra tem passado muito povo das aldeias, que vaé alli ao *banho santo*.

A' meia noite, n'esta praia, toda aquella massa de povo se arroja ao mar para tomar o tal *banho santo*, não sendo raro o anno que não haja nenhuma desgraça a lamentar.

Alguns pandegos d'esta cidade costumam lá ir fazer *partida*: escondem, ou juntam as roupas dos pobres pategos. Depois é vél-os no seu estado de nudez. Raios e cariscos estaleijam no ar, acompanhados de bater de dentes, a que a aragem gélida do mar os obriga.

Pobre gente!

Em Verdemilho tambem o S. João é muito festejado. Hontem partiu d'aqui a phylharmonica «Amizade», que foi tomar parte nos festejos. Aqui sahe um carro triumphal com figuras allegoricas, conduzindo tambem a musica, percorrendo todo o logar no meio d'um chifrim medonho.

## Cancioneiro popular:

A vinte e quatro de junho,  
Dia de grande funcção,  
Todo o mundo se alegra  
P'ra festejar S. João.

Que lindo está S. João  
No picotinho do monte,  
A olhar p'ras raparigas  
Que vão beber agua á fonte.

A noite de S. João  
E' a noite dos amantes;  
Ha de ver se o meu amor  
Inda é firme como d'antes.

Eu hei de ir ao S. João,  
De noite, depois de ceia;  
Que me faça mais bonita,  
Já que dizem que sou feia.

Oh meu rico S. João,  
Aqui me venho banhar;  
Se eu cahir, abaixo, ao poço,  
Vinde-me, vós, lá tirar.

Aonde vaé S. João,  
Descalcinho e sem chapéu?  
—Vae ver o grande festejo  
Que se faz hoje no ceu.

Adeus, oh meu S. João,  
Que muito tenho folgado;  
Ide p'ra vossa capella,  
Que eu vou deitar-me um bocado

bilho *derry down* (1), apropriado a uma antiga canção ingleza:

Dou-te um anno, amigo, ou dois, se quizeres  
E da Russia á Hespanha a Europa correrás;  
Mas, por mais que te causes, não acharás  
Homem mais feliz que um frade descalço.

O cavalleiro pelega pela sua amada  
E por uma lança é ferido mortalmente;  
Para o confessar e confortar santamente  
A dama só procura um frade descalço.

E os réis? Quantos se tem visto mudar  
Feio nosso habito o sceptro e a corda?  
O que nunca se viu foi, assim á tôa,  
Fazer o contrario um frade descalço.

(1) Póde ser conveniente lembrar ao leitor que o estribilho *derry down* remonta pela sua antiguidade não só aos tempos da heptarchia, mas aos dos druidas, e era com elle que estes veneraveis personagens acompanhavam os seus hymnos quando iam aos bosques colher o garçico.

N. DO A.

## «Tuna Talábrica»

A «Tuna Talábrica», d'esta cidade, realisa no 1.º julho, no Theatro Aveirensis, um sarau musical.

Esta Tuna tem dado já por diferentes vezes alguns espectaculos com geral agrado. E' de crér que tambem d'esta vez não desmereça das sympathias que tem collido.

Opportunamente publicaremos o programma.

## Barro, 21 junho.

Os festejos este anno aqui realizados em honra de S. Antonio foram mais brilhantes que os dos ultimos annos. Assistiram as phylharmonicas *Aveirensis* e de *Fragosella*. Aquella executou magistralmente um lindo repertorio, sob a regencia do sr. Pereira Vianna, conhecido maestro portuense.

No domingo, pelas 9 horas da manhã, chegaram aqui os velocipedistas do Recreio Artístico Aveirensis. A phylharmonica do sr. Pereira Vianna tocou o hymno do Recreio, e a de *Fragosella* o da carta. Os artistas complementaram o sr. Pereira Vianna. Foi uma recepção affectuosa.

(Correspondente.)

## «A Aurora»

Deve apparecer por estes dias, no Porto, um novo jornal socialista, que vem substituir o antigo jornal «O Trabalhador». Intitula-se «A Aurora».

Ao novo campeão desejamos longa vida.

## Os gafanhotos

Em Castro Verde, o assumpto de todas as conversas, é a apanha de gafanhotos a que alli se anda procedendo. Ha tão grande quantidade no espaço de 20 leguas, que só n'um dia apanharam-se 400 arrobas, que foram pagas á razão de 30 réis o kilo! Cada kilo tem 2:500 gafanhotos!

## A esposa de Gladstone

Mrs. Gladstone, esposa do *great old man*, o sympathico chefe do partido liberal da Inglaterra, fallecida ha dois annos, morreu no dia 15 de junho no castello de Hawarden, com 89 annos de idade.

Tinha dois annos menos que seu marido; sobreviveu-lhe dois annos e um mez.

Conforme o compromisso tomado pelo Estado, quando falleceu Gladstone, os restos da sua viuva serão sepultados junto dos seus.

Casada com o celebre estadista, em 1839, não cessou de ser para elle, durante os 57 annos da sua vida commum, dedicadissima companheira. Não ha uma hora importante na existencia tão prodigiosamente activa do grande homem, em que não appareça

Elle anda por toda a parte, e onde passou O bom e o melhor estão ao seu dispor; Vae-se quando quer, entra seja onde for, Porque é sempre bemvindo o frade descalço.

Esperam-no ao meio dia e até que chegue Ninguém toca na sopa ou no assado; A melhor cadeira e o melhor bocadão Pertencem de direito ao frade descalço.

E' esperado á noite com a ceia quente, Enchem-lhe de cerveja um cangirão; E é mais facil dormir no lodo o patrião, Que não ter fofa leito o frade descalço.

Viva o capuz, a corda e as sandalias, Terror do diabo, apoio da religião! Colher as rosas sem se picar na mão Só o faz n'esta vida o frade descalço.

— Por minha fé, disse o cavalleiro, cantaste muito bem, com vigor e com hora para a tua ordem. E a proposito do diabo, santo padre, não tens receio que elle venha um dia visitar-te durante algum

a seu lado esta mulher admiravel, cujo vulto se tornou, com o tempo, quasi lendario.

O mais merecido e mais levantado elogio d'este modelo de esposas, foi feito pelo proprio Gladstone, em 1886, no decurso da sua famosa campanha eleitoral de Midlothian. N'um dia em que uma deputação de cidadãos veiu apresentar-lhe uma mensagem, quiz associar a este preito a sua consorte, cuja ternura e carinhos eram para elle um permanente reconforto, e disse-lhe:

«Alludistes, ha pouco, meus senhores á prosperidade e á calma do meu lar; tivestes razão, porque foi esta prosperidade e esta calma que me permitiram atravessar uma vida inteira, que, nos momentos de tristeza, foram para mim uma invariavel consolação, e que nas horas de lucta me sustentaram sem um desfallecimento, sem solução de continuidade, sem uma duvida, sem uma sombra.»

Mrs. Gladstone não tinha a vasta illustração de seu marido, mas esforçava-se, como ella mesma o confessava, por fundir n'elle a sua propria personalidade. Além de seu marido e de seus filhos, póde-se dizer que Mrs. Gladstone não tinha existencia independente. Declarou muitas vezes que n'isto consistia o unico segredo da sua felicidade. Mrs. Gladstone nunca abandonava seu marido, acompanhava-o aos estrados nos immensos meetings em que falava, exercia sobre elle uma doce tyrannia para o impedir de se cansar, tinha sempre á mão uma gemmada de ovos e de Jerez para lhe conservar a voz limpida e o vigor necessario.

Antes do seu casamento, Mrs. Gladstone, então miss Glyn, frequentava pouco a sociedade. Sua irmã, que desposou lord Lyttelton, casou-se no mesmo dia em que ella.

Mrs. Gladstone só tinha uma paixão no mundo,—a dos negocios e do exito de seu marido—e uma unica ambição—a ventura da familia.

## Musica no jardim

Tocou no passado domingo, no jardim publico, a conceituada phylharmonica *Amizade*, de que é digno regente o nosso amigo João Pinto de Miranda.

A execução das diferentes peças de musica do seu magnifico repertorio excedeu a expectativa dos entendidos, tal foi a maneira correcta como se houve no seu desempenho.

Felicitemos a corporação e o seu regente, pelo modo como tem sabido pôr á altura a sua phylharmonica.

## «Mysterios da Inquisição»

Da acreditada Companhia Nacional Editora, recebemos os fasciculos 13 e 14 dos «Mysterios da Inquisição», o que agradecemos.

## Jayme Duarte Silva

ADVOCADO

R. DO SOL—AVEIRO

dos teus passatempos anti-canonicos?

— Eu anti-canonico! replicou o ermita. Desprezo a accusação, desprezo-a e calco-a aos pés! Eu cumprio exacta e perfeitamente os meus deveres de capellão. Duas missas por dia, primas, nãos e vespéras, *aves, credos, paters*...

— Excepto as noites de luar, na estação da caça, disse o hospede.

— *Exceptis excipiendis*, replicou o ermita, como o nosso santo abade me ensinou a responder quando algum leigo impertinente me perguntasse se eu cumprio com todas as formalidades da minha ordem.

— Perfeitamente, santo padre disse o cavalleiro; mas o diabo sabe muito bem abrir os olhos sobre taes excepções, e, tu bem o sabes,

## Um doutor de Roma

Um padre de Surnoiar, requeru á Universidade de Coimbra para lhe ser conferido o grau de doutor pela faculdade de theologia, com a habilitação que tem do curso theologico da universidade pontificia. A referida faculdade resolveu responder-lhe que para obter alli o seu doutoramento, tem de frequentar a universidade cinco annos e obter as classificações exigidas.

E' como canta.

Doutor de borla, á borla, ou sem borla só com tal condição se póde ser

E é justo.

O *maire* de Reims mandou tirar uma cruz que estava na escola laica communal d'aquella cidade. O cardeal Langenieux, arcebispo de Reims, dirigiu-lhe uma carta protestando contra o facto. Eis a resposta que o *maire* deu ao arcebispo:

Reims, 9.—Senhor arcebispo—En dereçou-me v. ex.ª em data de 7 de junho uma carta de protesto, por occasião do apeamento de emblemas religiosos collocados na escola communal laica da rua do Jard. Ousa v. ex.ª qualificar de *acto arbitrario* essa medida que eu puz em pratica na plenitude dos meus direitos. Chamo-o, sr. arcebispo, á moderação e a uma mais justa apreciação da realidade. A municipalidade democratica, nomeada pela confiança dos eleitores republicanos de Reims, não tem censuras a receber do sr. arcebispo, rogo-lhe o favor de não se intrometter, de futuro, nos assumptos municipaes, que não entram nas attribuições que a lei lhe confere. Queira receber, sr. arcebispo, a affirmação dos meus sentimentos especiaes (a) *Ch. Arnould*.

Um jornal francez refere um caso horroroso pelo qual se vê o perigo que ha em cheirar flores.

Uma menina de 19 annos, que residia em Nantes, possuia um jardim que ella propria cuidava.

Um dia em que colheu uma rosa cheiron-a, e ou porque a aspiração fosse muito forte ou porque aproximou muito a rosa do nariz, sentiu uma especie de titilação que infelizmente para ella, não foi sufficientemente forte para a fazer espirrar.

O facto é que ella não fez caso, porém alguns dias depois queixava-se de uma violenta dor de cabeça.

Começou a não poder dormir sofrendo dores atrozes.

Foram chamados muitos medicos dizendo uns que era uma congestão cerebral e outros um derramamento no cerebro.

Assim se passaram seis mezes em cuidados inuteis da parte da familia e de soffrimentos da parte da infeliz, que, no fim de seis mezes, perdeu o juizo.

Foi preciso forrar as paredes e pavimento do seu quarto com colções, porque ella, na sua desesperação, queria quebrar a cabeça.

Finalmente morreu, e um seu tio medico pediu e obteve de seu irmão a permissão de fazer a autopsia do cadaver.

elle anda sempre rondando como um leão aos urros.

— Deixal-o urrar quanto quizer, disse o frade; um açoute com a minha corda fal-o-ha rugir tanto como as tenazes do proprio S. Dunstan. Eu nunca tive medo de homem nenhum e ainda menos do diabo e dos seus duendes S. Dunstan, D. Dubric, S. Winibaldo S. Winifredo, S. Swiberto, S. Willick e não esquecendo S. Thomaz de Kent e os meus fracos merecimentos protegem-me sufficientemente e eu desafio todos os diabos do inferno. — Mas, fique isto entre nós, meu irmão, eu nunca falo em tal assumpto senão depois de matinas.

Dito isto mudou de conversação; continuaram ambos a divertir-se e tinham já cantado varias canções quando a sua folia foi in-

Abriendo-se a cabeça, onde residia o mal, observaram-se alguns desarranjos mas nada offerecia os signaes caracteristicos da doença que os medicos diziam ter sido a causa da morte. Quebrou-se o craneo!

Um grito de horror escapou de todas as boccas.

O mysterio tão procurado, o mysterio que acabava de enlutar uma familia, estava alli... vivo, andando e fugindo!

Era o que?

Uma aranha gorda, toda negra, coberta de sangue e tendo ainda nas pernas restos dos miolos, alimento de que se nutria desde que penetrára na cabeça da infeliz, no dia fatal em que esta aspirou a rosa que lhe devia causar a morte!

Em Chicago 6 americanos fizeram a singular aposta de experimentar qual estaria mais tempo sem dormir.

Começaram n'uma segunda-feira ás 8 horas da manhã. Na quarta-feira, 4 renunciaram á aposta, mas dois conservaram-se firmes até ao domingo. N'este dia um d'elles caiu redondamente no chão, vencido pelo somno e o outro manteve-se até completar 7 dias sem dormir!

Mas quando quiz apresentar-se ao publico caiu n'um somno tão profundo, que não foi possivel despertal-o.

Durante esta longa vigilia perdera 3 kilos de peso, e o que o precedeu 2 kilos.

Uma lenda explica assim a orgiem do leque:

Kan-Sai, filha de mandarim poderoso, era formosa, e tinha calor na «festa das lanternas». Ora as leis do pudor prohibiam-lhe mostrar o rosto, e então inventou o tirar a mascara, e occultar-se com ella, abanando-se graciosamente. Encantadora innovação! Todas as raparigas presentes fizeram logo o mesmo, e ali está como nasceram os leques.

## Pescas

N'estes ultimos dias o mar tem dado alguma sardinh, maas miuda.

## ANNUNCIOS

## NOVA ALQUILARIA

DE

MANUEL PICADO & PEREIRA

(Antiga casa de Fernando Christó)

N'esta casa continúa a haver carros de alugor, servindo-se os freguezes com a maior regularidade e economia de preços.

Rua da Alfandega

AVEIRO

terrompida por fortes pancadas á porta da cella.

A causa da interrupção só podemos explical-a contando as aventuras de um outro grupo das nossas figuras; porque, como o velho Ariosto, nós não temos grande empenho em fazer sempre companhia ao mesmo personagem do nosso drama.

(Continúa.)

# AO COMMERCIO E AO PUBLICO

**ALBINO PINTO DE MIRANDA**, gerente da casa de Manuel José de Mattos Junior—o **MANUEL MARIA**—d'esta cidade faz publico que sendo agente d'uma casa commercial de Lisboa tem para vender em boas condições para o commercio **café cru de diversas marcas, café torrado em grão e moído, avulso e empacotado**, por preços muito baixos, rivalizando com vantagem com as casas congêneres do Porto. As vendas são a praso, e sendo a prompto pagamento têm desconto.

Na casa de que é gerente, além dos generos acima mencionados, ven lidos ao publico com muita vantagem, tem em saldo uma grande quantidade de louça de Sacavem que vende com 15 p. c. de desconto da tabella da fabrica e alguma com 20 p. c. Tem o deposito dos vinhos da Companhia Vinicola, composto de todas as marcas, não exceptuando o bello *Champagne*.

Ha tambem vinhos de outros armazens do Porto, das marcas mais acreditadas, por preços rasoaveis, fazendo grandes descontos para revender.

Deposito de adubos chimicos para todas as culturas e por preços vantajosos.

**Armazem de vinhos da BARRADA, que vende a 60 réis o litro, tinto; branco a 100 e 200 réis, sendo para consumir em casa de freguez.**

Tem mercaderia bem sortida. Vende sulfato de cobre e de ferro, chumbo para caça (pelo preço do Porto, sendo por caixa de 30 kg.) bolacha e biscoito das principaes fabricas do paiz, conservas e massas alimenticias, petrechos para caçadores e objectos para escriptorio, aguardente de vinho, cereaes e alcool, com grandes descontos para revender, e muitos outros artigos impossiveis de mencionar.

Encarrega-se da compra ou venda de qualquer mercaderia mediante comissião.

Rua Direita (Largo do Manuel Maria)

## AVEIRO

**FERRAGENS**, zinco, chapa zincada, chumbo em barra e em pasta, estanho, prégos, parafusos, pás de ferro, arame zincado, tintas pr-paradas e em pó vernizes, oleo, aguarraz, alcool, brochas, pinceis, cimento sulfato de cobre e de ferro, chlorato, enxofre, gesso de estuque, vidraça, talha de vidro, chaminés e torcidas para candieiros, papelão, artigos de mercearia e muitos outros.

A venda no estabelecimento de

Domingos José dos Santos Leite

RUA DO CAES

AVEIRO

## Azeite do Douro BARRA - PHAROL

**NINGUEM** compre sem visitar o Armazem da Bandeirinha, á rua das Barcas; pois é alli onde se vende o puro azeite, por junto e a retalho.

Preços convidativos.  
Desconto aos revendedores.

## ROLÃO PALMA

**ESTA** farinha muito mais barata e superior do que qualquer outra para a engorda de porcos, gado vaccum, galinhas, etc. etc. vende-se unicamente no estabelecimento de José Gonçalves Gamellas.

Praça do Peixe - AVEIRO

**OS** srs. banhistas d'estas praias encontram na loja da Gambeia, do Arthur Paes, os mais necessarios generos comestiveis, taes como feijão, massa, batata, toucinho, manteiga de porco, queijo da serra, etc. E ainda o tal *biscoito d'Aveiro*,—e o biscoito de leite, que só se vende e faz n'esta casa.

**VINHO DE MEZA**:—o genuino vinho de meza, limpido, dromatico, levemente taninoso, o que constitue o verdadeiro tipo de vinho para meza, tambem se vende no mesmo estabelecimento, com as vantagens manifestas dos srs. banhistas terem ao pé da porta vinho bom e a preço modico.

Levam-se amostras a quem as pedir.

## TYPOGRAPHIA

DO

## POVO DE AVEIRO

Encarrega-se de fazer com a maxima perfeição e economia todos os trabalhos de impressão, taes como: cartões de visita, participações de casamento, mappas, facturas, livros, jornaes, etc, etc.

RUA DE S. MARTINHO  
AVEIRO

GRANDE NOVIDADE LITTERARIA

## Os Mystérios da Inquisição

POR

F. GOMES DA SILVA

Obra illustrada a côres por Manuel de Macedo e Roque Gameiro.

Cada fasc. de 48 pag., papel de luxo, magnificamente impresso em typo elzevir e com uma formosissima estampa a 12 côres—120 réis.

Nos *Mystérios da Inquisição* descrevem-se horrores que agitam affictivamente a alma, scenas que fazem correr lagrimas, escarpellam-se figuras d'outros tempos, encadeiam-se acontecimentos dispersos e tenebrosos, fustiga-se a hypocrisia, enaltecem-se as grandes virtudes, faz-se rebrilhar a verdade e põem-se em relevo todos os personagens que entram n'este grande drama, em que vibram commoções da maior intensidade e affectos do mais exaltado amor.

*Precioso brinde a todos os senhores assignantes*: Uma magnifica estampa esplendidamente colorida, medindo 0,55x0,44, a qual representa uma das scenas cuja recordação ainda hoje nos é grata e que o nosso coraçao de portuguezes ainda não pode olvidar.

Os pedidos de assignaturas podem ser feitos á *Companhia Nacional Editora*—Secção Editorial—Largo do Conde Barão, 50, Lisboa—ou aos seus agentes.

ESTABELECIMENTO DE MERCEARIA

DE

Manuel Rodrigues da Graça

R. DA ALFANDEGA

NESTE estabelecimento encontra-se vinhos finos desde 240 réis para cima; arroz da terra e estrangeiro. Tem tambem um variado sortido de bolacha das principaes fabricas de Lisboa e Porto, que vende por preços excessivamente baratos.

## ATELIER DE ALFAETERIA

DE

Joaquim Ferreira Martins  
(O GAFANHÃO)

R. da Costeira - AVEIRO

**ESTE** antigo e acreditado estabelecimento de alfaeteria encarrega-se de fazer com a maxima perfeição e barateza fatos para homem e creança, o que para isso tem um lindo sortimento de fazendas proprias para verão.

Espera tambem por estes dias um grande sortimento de fazendas, o que ha de mais moderno, para a estação do inverno.

Como está tambem para chegar a epoca dos varinos já tem para isso as fazendas encomendadas.

Ficam d'isto prevenidos os nossos freguezes e amigos.

## Vinho de Bucellas

**VENDE-SE** a 160 réis a garrafa no estabelecimento de

José Gonçalves Gamellas

Praça do Peixe - AVEIRO

Previne o publico que só affiança a qualidade do vinho vendido no proprio estabelecimento, para evitar que vendam com a mesma marca outra qualidade de vinho

ARMAZENS

DA

# BEIRA-MAR

DE

MANUEL GONÇALVES MOREIRA

PRAÇA DO COMMERCIO, 19 A 22

R. DOS MERCADORES, 1 A 5

## AVEIRO

D'aqui levarás tudo tão sobejo  
(Luz. Gam.)

Preços fixos

VENDAS SO A DINHEIRO

## CONFECÇÕES:

Fazendas de novidade de lã, linho, seda e algodão.

Camisaria, gravataria, livraria, papelaria e mais objectos de escriptorio. Officina de chapelaria. Chapéus para homem, senhora e creanças. Centro de assignatura de jornaes de modas e scientificos, nacionaes e estrangeiros.

Importação directa de artigos da Madeira: obra de verga, bordados, rum e vinho (qualidade garantida).

Unico deposito dos vinhos espumosos da Associação Vinicola da BARRADA.

Representante da casa Beirão, de Lisboa, encarrega-se de mandar vir bicyclettes **Clement** e machinas de costura **Memoria**, bem como todos os accessorios para as mesmas.

Louças de porcelana, quinquilharias, bijouterias, perfumarias (importação directa).

Flôres artificiaes e corôas funerarias.

Ampliações photographicas. Encadernações.

**N. B.**—Não se aviam encomendas que não venham acompanhadas da respectiva importancia.

## FABRICA A VAPOR

DE

MOAGEM DE TRIGO E MILHO

DE

Manuel Homem de C. Christo

Vendas de farinhas, e sêmez

Compras de milho, e trigo, tanto por junto como a retalho

RUA DA ALFANDEGA

AVEIRO

## OFFICINA DE CALÇADO

DE

João Pedro Ferreira

AOS BALCOES - AVEIRO

NESTA antiga e acreditada

José Gonçalves Gamellas

A' PRAÇA DO PEIXE

N'este estabelecimento encontra-se á venda o apreeiado **Vinho de Bucellas** importado directamente de casa do lavrador.

A 160 RÉIS A GARRAFA

SAPATARIA AVEIRENSE

DE

Marques d'Almeida & Irmão

AOS BALCOES

Garante-se a perfeição e solidez. Preços modicos